

“ERA NO TEMPO DO REI”: OS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XIX, RETRATADOS NA OBRA *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*

ALESSANDRO DE ALMEIDA*
EDWIRGENS A. RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA*

Resumo

Utilizando a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida como fonte, procuraremos discutir neste artigo, as relações entre história e literatura e a importância da obra como representação da sociedade patriarcal do início do século XIX. Neste sentido, enfatizaremos as personagens, sobretudo as femininas; os costumes e comportamentos abordados pelo narrador na tentativa de visualizarmos a sociedade do Rio de Janeiro no período em questão.

Unitermos: História, Literatura, costumes, mulheres, patriarcalismo.

No intuito de utilização de uma obra literária como fonte histórica, convém destacarmos que a História Nova vem proporcionando inúmeras análises envolvendo estes dois campos de estudo alertando porém, que o historiador deve ter o cuidado de separar ficção e realidade. Instigados por este desafio nos reportamos à França, mais especificamente ao livro *O grande massacre de gatos* primeiro capítulo, em que Robert Dartom utiliza contos como: Chapeuzinho Vermelho, Mamãe Ganso e Rapunzel; para nos mostrar diversos sentimentos, vontades e aspectos do imaginário dos camponeses franceses do século XVIII. Além desta utilização dos contos para se fazer história, o autor trabalha com outra idéia, de relevância para nosso artigo, onde ele expõe que:

Os contadores de história camponeses não achavam as histórias apenas divertidas, assustadoras ou funcionais. Achavam-nas ‘boas para pensar’. Reelaboravam-nas à sua maneira, usando-as para

compor um quadro da realidade, e mostrar o que esse quadro significava às pessoas das camadas da ordem social. (DARTON, 1986:92).

Com esse recorte, Robert Darnton mostra-nos que a ficção, quando bem utilizada, passa a ilustrar a realidade de forma, muitas vezes, mais clara que quando feita com outras fontes. Na medida em que os contadores de história contribuem para compor a realidade social.

Neste sentido, a historiadora Sandra Pesavento em seu artigo *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*, procura desmitificar a utilização da literatura como fonte para a história. Sua argumentação baseia-se na proposta de que tanto a história como a ficção buscam a verdade, cabendo ao historiador separar a realidade da ficção, porém, ele próprio, através da individualidade, emotividade e sentimentos, demonstra um certo ficcionismo neste ofício. Portanto, entende que “se o texto histórico busca produzir uma versão do passado convincente e próxima o mais possível do acontecido um dia, o texto literário não deixa de levar em conta esta aproximação.” (PESAVENTO, 1999:85).

Pesavento discute, ainda, a questão da busca da verdade e da ficção nas duas áreas em questão. Para dar respaldo a suas posteriores reflexões, inicia apontando que o próprio Heródoto, considerado o “pai da história”, “conta o que os outros não viam a partir de sua experiência ou daquilo que ouvia de terceiros.”, sendo ele o narrador que seleciona e confere valor ao que ouviu dizer. A autora mostra-nos a idéia de “história controlada” onde o historiador, por mais que busque a verdade, tem que fazer uso de artifícios ficcionais que podem ser provenientes, por exemplo, da sua individualidade, entre outros fatores. Além do exposto, PESAVENTO recorre a Capistrano de Abreu e José de Alencar. Ao expor sobre Capistrano, ela mostra um historiador criticado em sua época por fazer uma história que se ligava menos a nomes e muito mais a sensibilidades e sentimentos. Por outro lado, com José de Alencar, a autora demonstra que a obra alencariana, apesar da ficção, está repleta de conteúdo histórico, além de podermos entender suas criaturas fictícias como expressão de sentimentos e sentidos que revelam aspectos da história e de um determinado período. Finalizando, Sandra Pesavento sugere que “a proposta é pois, de por em diálogo discursos de natureza diversa, mas que guardam entre si aproximações (...)” além de recuperar “a forma pela qual os discursos histórico e literário constroem a idéia de realidade.”

A obra que nos propomos a analisar, *Memórias de Um Sargento de Milícias* nos permite algumas discussões acerca do comportamento e posturas de suas personagens dentro de uma comunidade de “ares patriarcais”. No decorrer deste estudo, salientaremos os costumes da sociedade do Rio de Janeiro, em princípio do século XIX. Para um melhor entendimento acerca da obra, entendemos esta

como um romance de costumes, ambientada em meio a comportamentos que sugerem a traição. As personagens Leonardo-Pataca, e seu filho (também Leonardo), encontram-se envolvidos em relações mal sucedidas e não formalizadas, porém condicionadas às imposições sociais. É neste contexto que as personagens femininas exercem um destaque na medida em que mesmo restritas a um setor privado, conseguem por vezes dominar as ações em seus relacionamentos. Portanto, as mulheres apesar de personagens secundárias da obra e da “própria sociedade” exercem uma função fundamental em nossa análise. Partindo deste pressuposto de ênfase à figura feminina é que discutiremos os costumes sociais na obra de Manuel Antônio de Almeida.

Entendemos que a narração dos fatos aproxima-se de um documentário. O narrador ao intitular a obra como “Memórias”, sutilmente nos remete a algo vivido por um povo e o faz, ainda, quando inicia a narração explicitando “Era no tempo de rei...”(ALMEIDA,1999:10). Um aspecto peculiar é que, a narração é feita na segunda metade do século XIX e refere-se aos primeiros anos do mesmo. Portanto, Manuel Antônio de Almeida no momento da escrita retrata em sua obra um tempo a pouco vivido. Neste sentido, ele relata a vida e os hábitos de pessoas, demonstrando a representação de um país que começa a mostrar uma sociedade autônoma que pensa, que age e procura formar sua própria identidade. Como assegura o crítico Afrânio Coutinho na introdução desta obra: “É saborosa a sua veia satírica aos costumes da sociedade do tempo retratado, a época do rei, durante a qual sobrados motivos havia para a análise cruel de um espírito sarcástico”. (ALMEIDA, 1999:08)

Na apresentação dos costumes da sociedade da época, o narrador nos apresenta a festa do Espírito Santo esclarecendo que esta é uma das prediletas do povo fluminense:

Aquele que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as folias, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como ele davam-lhe atenção e achavam nelas prazer; os mais, se delas se ocupavam, eram unicamente para lamentar a diferença que faziam das primitivas. (ALMEIDA,1999:53/54)

No trecho, percebemos que no momento em que o autor era participante da festa – em meados do século XIX – existia um sentimento de saudade em relação às festas anteriores. Para o esclarecimento deste posicionamento, Manuel Antônio de Almeida enfatiza que o caráter religioso da Festa do Espírito Santo, perde-se devido ao comportamento da maior parte da sociedade que usa a mesma para “bate-papos”, encontros e atitudes impróprias. Percebe-se portanto, que a sociedade dos primeiros anos do século XIX, enquadra-se em uma tradição católica mais sólida do que a vivida pelo autor. Neste contexto, evidencia-se que os costumes da segunda metade do século XIX vão se esvaindo o que contribuiria para a crise

imperial pois, o apoio das tradições e do catolicismo são fatores que em detrimento de outros, embasaram o Império.

Baseando-se ainda na perda das tradições, enfatizaremos as mulheres da obra que, por vezes, descontroem alguns valores sociais. No cerne deste trabalho, apresentaremos a firmeza da mulher ao ausentar-se do ambiente privado, do seu papel de “rainha do lar” ditado pela ideologia patriarcal e machista.

Em *Memórias de Um Sargento de Milícias*, embora haja a mulher desconstruindo essa posição de subordinação ao masculino, percebe-se que em muitos momentos há a necessidade de meios para observar o social, pois o lugar destinado às mulheres é a órbita privada. Como afirma o narrador:

... a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia. (ALMEIDA, 1999:25)

Diante dessas colocações, observa-se que para a mulher visualizar o meio social do qual, muitas vezes não participa, faz-se necessário utilizar de certos artifícios. A mantilha e as rótulas são meios para olhar o proibido, considerando que a mulher esteve restrita ao ambiente privado e ao homem estava instituído o direito de conviver com o espaço público.

Ainda acerca do poderio feminino, destacaremos os relacionamentos mal sucedidos do personagem Leonardo-Pataca¹, destacaremos seu envolvimento com Maria-da Hortaliça e a cigana, suas respectivas companheiras, que fogem de casa, deixam de administrar os “afazeres” domésticos para se realizarem afetivamente. A primeira foge para Lisboa com o capitão do navio e deixa Leonardo em prantos. A segunda o abandona por manter relações com um padre. Com as atitudes de fuga e abandono, as mulheres acima relacionadas, demonstram transgressão de sua posição de submissão e passividade típicas da sociedade patriarcal do século XIX.

Portanto, no patriarcalismo, o erotismo, o corpo da mulher e seu prazer deveriam estar confiscados. A mulher teria apenas o compromisso com a reprodução. O prazer feminino condicionado a mera casualidade e sua sexualidade confinada a uma família conjugal, cuja manifestação só seria permitida no “escuro do quarto”. O papel de esposa tornou-se distinto em relação ao papel de amante onde aquela não podia declarar sua necessidade afetivo-sexual ao marido, uma vez que era característica de amante, poderia apenas sugerir seu desejo e, assim ser compreendida pelo homem que, por sua vez, não poderia exceder a esses desejos.

O casamento, na sociedade patriarcal da obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, ressalta as mulheres destacadas (Maria da Hortaliça e a cigana) pertencentes a classes populares. Nestas, em grande parte, acontecia o amancebamento². O

casamento de fato ocorria entre burgueses, uma vez que, entre estes havia a interseção de interesses políticos e econômicos. Como posiciona-se Rachel Soihet em seu artigo *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*, no início do séc. XIX, ainda era pequeno o número de pessoas casadas em relação ao total da população. No seio dos populares o casamento formal não preponderava. Isso ocorria em virtude do desinteresse oriundo da ausência de propriedades e dos entraves burocráticos que surgiriam no processo de legalização do ato. Segundo SOIHET:

A preocupação com o casamento crescia na proporção dos interesses patrimoniais a zelar. No Brasil, do séc. XIX, o casamento era boa opção para uma parcela ínfima da população que procurava unir os interesses da elite branca. O alto custo das despesas matrimoniais era um dos fatores que levavam as camadas mais pobres da população a viver em regime de concubinato. (SOIHET, 2000:368).

Discorrendo acerca da oficialização do casamento, Maria Ângela D’Incao no ensaio *Mulher e família burguesa*, argumenta que a mulher de classe baixa teve maiores possibilidades de amar porque o envolvimento não comprometeria interesses políticos e econômicos. Exemplificando essa questão, a autora aponta os relacionamentos amorosos da obra *Memórias de Um Sargento de Milícias* em que a aproximação era mais fácil, mais livre uma vez que as personagens retratadas são pessoas do povo. Neste sentido, esclarece:

Valiam o beliscão e pisadas no pé como forma inicial de namoro e os amancebamentos são narrados com naturalidade. Leonardo, um dos personagens do livro, é capaz de namorar e beijar sem que seu comportamento seja descrito como imoral ou cômico. (D’INCAO, 2000:233).

Leonardo-filho evidencia que se faz necessário o respeito à mulher que convive com seu pai, mesmo que esta não seja esposa legitimada. Contraria tal afirmação quando se encontra ferido pelas declarações feitas pela madrasta a respeito de seus relacionamentos amorosos fracassados. Referindo-se a ela argumenta: — Se me diz mais meia palavra... perco-lhe o respeito... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o que quer é de meu pai... perco-lhe o respeito... (ALMEIDA, 1999:75).

Percebe-se que, mesmo sem contrair o casamento formal ele se afigurava como um valor e pressupunha um comportamento irrepreensível da mulher, embora existisse a indefinição de como conceituar um relacionamento não formalizado. Como discute Lúcia Castelo Branco, o equilíbrio e a harmonia da sociedade patriarcal está na ideologia moralizadora, no confisco da sexualidade e na submissão feminina.

Segundo Sócrates Nolasco, o universo subjetivo do homem fará com que vejam as mulheres como “santas” ou “prostitutas”³. A conduta de “santa” será utilizada para o modelo de esposa enquanto a “prostituta” servirá para o prazer. Faz-se relevante observar que os homens utilizam a efemeridade nas relações para se sentirem donos da sua característica viril. Assim, salienta que

... estar envolvido com uma mulher é vivido como ameaça de escravidão e de submissão a seus caprichos. Ao dificultar o acesso das mulheres à “coisa pública”, os homens garantiram que o feminino estaria distante e sob controle. (NOLASCO, 1993:104)

Direcionando-nos ao personagem Leonardo-filho, percebemos que ele procura direcionar seus relacionamentos apoiando-se na procura de ascensão social. Neste contexto, chega a relacionar-se com uma moça devoluta (Vidinha), porém, reacende a paixão por Luisinha, sua primeira paixão, que agora encontra-se viúva e apatacada⁴. Leonardo consegue o posto de soldado de milícias, o que juntamente com a herança deixada por seu padrinho, faz a sua ascensão de classe social. Luisinha, agora, mulher rica, simples e passiva era a esposa conveniente a qualquer homem neste período, como nos esclarece o narrador:

Dona Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse Dona Maria, Luisinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse...(ALMEIDA, 1999:59).

Leonardo e Luisinha, neste momento se reencontram e endossam o pensamento corriqueiro de pessoas com melhores condições financeiras no séc. XIX, assumindo que se amavam sinceramente e que a idéia de uma união ilegítima lhes repugnava. Como no patriarcalismo, o casamento é a oficialização do relacionamento e a forma de se somar bens, a partir desta nova condição de cada um, o casamento torna-se interessante para ambos. Há o interesse comum, uma vez que, os dois já se encontram em condição privilegiada das outras personagens da obra. É o único casamento formalizado na narração. Como satiriza o narrador a respeito do casamento: “Esse meio de que falamos, essa caricatura da família, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade”. (ALMEIDA 1999:120).

O casamento, conforme foi exposto, é visto como um costume que procura encobrir a sexualidade e a própria imagem feminina, ocorrendo sob forma de interesse econômico, provação de sexualidade e ascensão de classe social, e raras vezes a concretização do amor. O próprio narrador conclui que essa forma de legalização do casamento leva ao mascaramento e ao ocultamento das transgressões, forjando um modelo de família aparente e que não conduz à estruturação da sociedade urbana que, neste momento, começa a se organizar.

Portanto, neste artigo, procuramos demonstrar que no transcorrer do século XIX, ocorreu uma desvalorização e mesmo uma transgressão de valores tradicionais. Destaca-se a figura feminina em seus relacionamentos e nos valores impostos ao casamento pela sociedade, tanto a patriarcal quanto a burguesa, ainda em formação.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de Um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRANCO, Lúcia Castelo. *Eros travestido – um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1985.
- CHALHOUB, Sidney. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de M., org. *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. História do Brasil.
- COUTINHO, Afrânio. Biografia e introdução. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de, *Memórias de Um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: *História da mulheres no Brasil*. DEL PRIORI, Mary, (org.). 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*. Estudos de História, Franca, v.6, n.1. 1999.
- SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: *História da mulheres no Brasil*. DEL PRIORI, Mary, (org.). 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Notas

* Graduando do 4o. ano de História e 6o. Período de Letras Espanhol pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES.

Orientação: Ms Regina Célia Lima Caleiro

* Graduada em Letras Espanhol e graduanda do 4o. período de Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Orientação.: Dr Osmar Pereira Oliva

¹ Os dois personagens principais da obra são Leonardo-Pataca (pai) e Leonardo, seu filho. Esta diferenciação é essencial para o entendimento da obra.

² Entende-se por amancebamento, relacionamentos em que a união não se oficializa.

³ Os termos “Santa” e “prostituta” utilizados por Sócrates Nolasco foram extraídos do texto de Sigmund Freud “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna” (1908) e estão presentes em O Mito da Masculinidade.

⁴ O termo “apatacada” refere-se a boa condição financeira da personagem Luisinha naquele momento.